

BOQUINHAS E AUTISMO - TRABALHO DE RESULTADO

NAVARRETE, Roberta¹¹

robertanavarreteribeiro@gmail.com

Espaço Interdisciplinar Fazendo a Diferença

Segundo Schwartzman, (Schwartzman e Araújo 2011), O Autismo (TEA - Transtorno do Espectro do Autismo) é considerado, atualmente, um transtorno do desenvolvimento de causas neurobiológicas definido de acordo com critérios eminentemente clínicos. As características básicas são: anormalidades qualitativas e quantitativas que, embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas da interação social, da comunicação e do comportamento.

Saulnier, Quirnbach e Klin (Schwartzman e Araújo 2011) reforçam que a investigação de um indivíduo com TEA envolve o levantamento de dados do desenvolvimento precoce da criança e das informações relativas ao comportamento atual da criança. É essencial para o diagnóstico a história contada pelos pais e/ou cuidadores da criança e a observação direta do comportamento atual em contextos estruturados e não estruturados. Nesses dois componentes diagnósticos, são imprescindíveis as informações sobre linguagem, comunicação, interação social, bem como as manifestações comportamentais, incluindo interesse restrito, repetitivo, sensorial ou perseverativo, padrões atípicos de comportamento e desregulação comportamental.

Perissinoto (Schwartzman e Araújo 2011) salienta que os estudos do TEA apontam para a variedade de alterações comportamentais em que a linguagem está profundamente relacionada às dinâmicas sociais e aos procedimentos repetitivos e reflete alterações cognitivas. O problema essencial do autismo está em uma maneira peculiar de processamento de informações, em que a parte se sobrepõe ao todo. Desta forma, seria inapto para fazer inferências que dependam da análise do contexto e para identificar as relações de causa e efeito entre ações. Teria, então, uma fragilidade da Coerência Central. A fragilidade na coerência central é um estilo cognitivo específico dos quadros de TEA e não está diretamente associada a um déficit de cognição.

Os critérios para o diagnóstico do TEA foram revisados no DSM 5 (2013), usando um modelo didático de dois critérios: déficits persistentes na comunicação social e interação social; padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades.

Grandin e Panak (2015) afirmam que se pudermos reconhecer, de modo realista e caso a caso, os pontos fortes de um indivíduo, podemos determinar melhor seu futuro. Ao longo dos anos observamos que pessoas com autismo prestam mais atenção nos detalhes que as neurotípicas.

Dourado (2012) salienta que a neurociência tem lançado novas luzes na compreensão do cérebro do e da mente. Nas últimas décadas, vários estudos têm comprovado anormalidades neurobiológicas em pacientes com autismo, estando várias concentradas nas estruturas e no funcionamento do cérebro.

Bruni (Mercadante, 2009) enfatiza que como em outros processos terapêuticos, o processo de alfabetização não ocorre de forma convencional, ou seja, não se trata de adaptar a criança ao mundo, mas adaptar a compreensão de mundo da criança ao que ela pode desempenhar nele. Para alfabetizá-la, a experiência tem mostrado que a escrita e a leitura devem ganhar sentido no universo próprio de cada criança e, principalmente, desempenhar uma função dentro do âmbito de seus interesses, ainda que seja um único interesse restrito.

Corroborando com Jardini e Souza (2006) quando citam que a intervenção descrita pelo Método das Boquinhas não é apenas uma técnica mecanicista que afasta da criança a possibilidade de compreender e refletir a escrita enquanto linguagem e seus significados, nem tampouco descreve uma ação homogeneizadora e fragmentada da linguagem, ao contrário, capacita a criança a enfrentar desafios linguísticos em igualdade para com os demais alunos, uma vez que, tendo efetivamente aprendido a ler, pode fazer uso da leitura e escrita, com segurança e eficácia, de maneira reflexiva e contextualizada.

O Método das Boquinhas, segundo Jardini e Souza (2006) foi criado a partir de bases multissensoriais Fono-Víscuo-Articulatórias, pois as mesmas foram tomadas como ênfase para a criação e desenvolvimento do Método, podendo então, propiciar um melhor e mais rápido rendimento escolar, na medida em que a criança é submetida simultaneamente a vários *inputs* neurosensoriais, favorecendo, dessa forma, que maiores áreas cerebrais recebam estímulos. Foi escolhido então a fala, e seus sons (fonemas), como ponto de partida para a aquisição das letras (grafemas), como é feito no processo fônico, trabalhando diretamente nas habilidades de análise fonológicas e consciência fonológica, mas foi acrescentada a ela, a consciência fonoarticulatória, ou seja, os pontos de articulação de cada letra ao ser

¹¹ Fonoaudiologia e Pedagogia. Especialista em Motricidade Orofacial. Fonoaudióloga clínica e educacional e multiplicadora do Método das Boquinhas.



pronunciada isoladamente (articulemas, ou "boquinhas"), baseados nos princípios da Fonologia Articulatória (FAR), que preconiza a unidade fonético-fonológica, por excelência, o gesto articulatório.

Nota-se que a metodologia proposta pelo método das boquinhas vem de encontro à necessidade das pessoas com TEA, pois parte dos detalhes (fonemas) para chegar ao todo (palavras) e por ser um método multissensorial estimula várias áreas do cérebro (auditiva, visual, tátil). Sempre lembrando que quando se trabalha com uma criança dentro do TEA, há que se considerar isoladamente, cérebro por cérebro, indivíduo por indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DOURADO, F. Autismo e cérebro social: compreensão e ação. Fortaleza: Premium, 2012.

GRANDIN, T. O cérebro autista/ Temple Grandin, Richard Panck; tradução 2ªed. Cristina Cavalcanti. – 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

JARDINI, R. S. R. & SOUZA, P.T. de. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* [online]. 2006, vol.18, n.1 [cited 2016-08-13], pp.69-78.

MERCADANTE, M.T. Autismo e cérebro social, São Paulo: Segmento Farma, 2009.

SCHWARTZMAN, J.S. & ARAÚJO, C. A. de. Transtorno do espectro do autismo – TEA. Vários Autores– São Paulo: Memnon, 2011.

